

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM O APOIO DE IMAGENS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Jesiane Maria de Sena ARAÚJO
Maria Lúcia Pessoa SAMPAIO
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO

O referido trabalho foi pensado a partir da disciplina “Formação do Leitor e Ensino de Literatura”, do Mestrado em Educação da UERN/CAMEAM. Como já havíamos iniciado uma pesquisa sobre conto e reconto de histórias na APAE de Pau dos Ferros, pensamos na alternativa de inserir dois desses sujeitos no trabalho em questão e aplicar o que havíamos trabalhado na Creche Santa Terezinha, deste mesmo município. Elegemos a leitura de imagens da literatura infantil como proposta para a formação do leitor mirim e com deficiência intelectual, para tanto, foram realizados três encontros na referida creche. Os aspectos teóricos remontam aos estudos de Abramovich (2008), Amarilha (2006), Coelho (2000), Costa (2007), entre outros que tratam de questões referentes à leitura de imagens e formação de leitor. Tendo como resultados a participação de pessoas com dificuldade intelectual no universo da leitura e sua inserção em outro contexto escolar, que por sua vez proporciona uma mútua interação com crianças em fase de alfabetização, oportunizando a todos os envolvidos, um avanço no processo de aprendizagem.

Introdução

Experienciar uma aproximação entre pessoas ditas normais e pessoas com necessidades especiais através da literatura é algo instigante, ainda mais quando se trata de sujeitos não alfabetizados. Devido este último aspecto, selecionamos a leitura de imagens como porta voz desses sujeitos que se aproximam em prol de uma única causa: a leitura. Uma vez que temos na imagem a linguagem não verbal, esta produz significados diversos, que incita a criatividade do sujeito, permitindo-lhe uma intimidade com o livro, cujo resultado se apresenta em sua fala, e esta o mobiliza para uma interação com o Outro e outro, proporcionando-lhe um melhor entendimento do mundo no qual ele faz parte. Essa interação entre livro e leitor, e as possibilidades de significação e inclusão que aqui acontecem, potencializa as capacidades inerentes aos seres humanos de interagir com o outro, com o mundo e consigo mesmo, ampliando inclusive sua capacidade cognitiva.

Nesse sentido, acreditamos que a importância dessa pesquisa, assim como de outras com esse propósito, não se dá somente enquanto ajuda na formação de leitores através do livro literário de imagens, mas também, no que diz respeito à inserção dos sujeitos que tem algum tipo de necessidades especiais, em contextos sociais diversos, de modo que estes possam melhorar suas interações pessoais e autoestima. Para tanto, objetivamos na realização do trabalho proporcionar um momento de encontro com a

literatura infantil e as possibilidades que a leitura de suas imagens pode suscitar nos sujeitos em fase de alfabetização, utilizando do conto e reconto de histórias como recurso para a aproximação entre os sujeitos com deficiência intelectual, os sujeitos ditos normais e o espaço escolar. Os recursos humanos foram dois sujeitos com deficiência intelectual, usuários da APAE e criança da Creche Santa Teresinha do Município de Pau dos Ferros. , tendo-se como materiais os livros da literatura infantil com imagens.

Aspectos metodológicos da pesquisa

Delinearemos, nesta sessão, os três encontros realizados com o público alvo, dos quais falaremos a seguir:

(i)

Como foi percebido um clima bastante apropriado, exploramos o “Espaço de leitura” da creche, no qual existe uma boa quantidade de material didático para se trabalhado a contação de história, inclusive livros de leitura exclusivamente ilustrativa. Aproveitamos a ocasião para trabalharmos o desprendimento de Nelson e Elias – nomes fictícios dos nossos sujeitos -, para contar histórias e a pesquisadora sugeriu que eles contassem histórias para os funcionários, uma vez que as crianças estavam em suas salas de aula e já havíamos falado que o momento com elas seria depois, e os referidos funcionários se encontravam em um grupo de cinco, cuja atenção se voltava exclusivamente para Nelson e Elias, desse modo, o momento de contação de história teve início.

Na ocasião, pudemos perceber que houve uma boa desenvoltura tanto de Nelson quanto de Elias no momento de contar as histórias - cada um contou duas e de sua própria escolha a partir do material disponibilizado no “Espaço de Leitura”-, propiciando assim, um ambiente no qual eles puderam expressar-se de modo livre através de sua fala, mesmo que esta fosse dirigida a um público para o qual eles não esperavam, e a partir de algo inesperado, inclusive a seleção das leituras.

A leitura de imagens possibilita antes de tudo, a ênfase do olhar; no olhar e no representar o que está sendo visto através das palavras que advém do efeito das imagens vistas e das experiências de quem as vêem. Abramovich comenta a relação entre os livros ilustrados e o público de várias idades

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar os de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar...De um olhar múltiplo,

pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo [...] talvez seja um jeito de não formar míopes mentais... (ABRAMOVICH, 1997, p. 33)

Nesse contexto, devido uma ótima sintonia entre os narradores e sua platéia, percebemos uma fala direcionada ao efeito provocador que as imagens têm de representar em diferentes público das mais diversas idades, novas descobertas diante do que está sob o olhar e o efeito produzido através das imagens, seu brilho, o calor, o colorido, que através da abstração do que nos é apresentado de forma concreta, produz uma duplicidade de sentidos, produz a possibilidade de ver além do simples olhar, produz as várias formas de ultrapassar as intenções do texto e ir além, passá-las adiante em novas e ilimitadas palavras, causando uma visão além do alcance do que se vê.

Desse modo, acreditamos que, se Nelson e Elias tinham alguma dúvida de que eram leitores, acabaram de confirmar a afirmativa, pois, o olhar e a escuta desse Outro, no caso as pessoas para as quais Nelson e Elias dirigiam suas falas, estavam totalmente voltados para eles, confirmando assim, o seu lugar no discurso. Jacques Lacan (2008, p.201) em seu primeiro percurso de fala sobre a constituição do sujeito, postula que, *o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro*, com isso, podemos pensar que a capacidade de sermos diferentes do que somos não depende exclusivamente de nós, mas do Outro com o qual nos relacionamos, também, não nos reduzimos ao que pensamos ser, somos mais, somos dentre outras coisas, o que ainda não somos, o que está por vir.

Acreditamos que esse sujeito que estar por vir, e que ao mesmo tempo habita em nós, mesmo se ainda não o reconhecemos, permanece latente, permanece nos nossos desejos, e se houver um movimento ele irá surgir, uma dessas possibilidade de movimento é através da fala, da fala direcionada ao Outro. Pensando nesse perspectiva de possibilitar uma via pela qual os nossos sujeitos da pesquisa irão se deparar com um outro em si mesmo, daremos continuidade aos nossos trabalhos, com um público que ainda não desenvolveu a capacidade da leitura escrita, quisá provocaremos mais de dois, provocaremos também o Outro para o qual a pesquisa se direciona e iremos agora falar.

(ii)

Pensamos que, após a contação de histórias por parte dos apaeanos, seria interessante apresentarmos as crianças com livros, desse modo, fomos à Secretaria Municipal de Saúde, onde se encontravam disponibilizados revistinhas do SESI, de distribuição gratuita, e em seguida foram para a prática da contação de histórias na já mencionada Creche Santa Terezinha.

Ao chegarmos à creche, juntamos duas turmas e fomos para o “Espaço de Leitura”. Como já havíamos nos apresentado e apresentado nossa proposta de trabalho, as crianças inicialmente tomaram suas posições na platéia e Nelson e Elias assumiram o lugar de narrador de modo natural e sem nenhuma intervenção, apenas as crianças contaram com a ajuda dos professores no que diz respeito ao modo de se organizarem ao sentar. A seleção dos livros mais uma vez foi na hora, com a diferença de que além dos livros exclusivamente ilustrativos, pegaram alguns que apresentavam além da ilustração, textos escritos, mesmo assim, não houve nenhuma interferência.

À medida que Nelson e Elias contavam as suas histórias – um de cada vez -, as crianças ficavam atentas, prestando atenção ao conto e quando convocados a participarem do reconto, estas demonstraram total disponibilidade, tendo que haver a intervenção da professora e/ou da pesquisadora para que houvesse uma melhor organização.

Percebemos nesse momento, que no reconto, as crianças tanto reproduziam parte do que Nelson e Elias contavam quanto introduziam conteúdos de sua própria autoria, sobre essa questão Bakhtin se refere enquanto dialogismo, trazendo-o com necessário para a produção de sentido e para a constituição da linguagem, uma vez que nossa fala é sempre habitada por outros discursos, já proferidos anteriormente por alguém, Bakhtin (2003,p.199) afirma que *certo conjunto de idéias, pensamentos e palavras se realiza em várias vozes desconexas, ecoando em cada uma delas*. Mais uma vez percebemos o caráter interativo entre os sujeitos que fazem parte da pesquisa, uma vez que existe uma relação de entendimento, de troca, de interação em suas falas. Para a psicanálise, a fala é heterogênea e o sujeito um ser dividido, devido o inconsciente, que por sua vez atua de modo independente, com suas próprias regras e modo de funcionamento. Lacan (1985, p.201) salienta que *se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. A linguagem é inerente ao ser humano, devido sua capacidade de simbolizar, e é através da relação com o Outro que a linguagem circula,

desse modo, a existência do Outro é *sine qua non*, para que o sujeito possa se constituir como tal.

Podemos pensar com isso, na valorização do espaço escolar, a partir da perspectiva de Coelho (2000, p.17) quando esta se refere no tocante à consciência do eu, ao desenvolvimento do indivíduo e ao estudo da literatura como modo de estimular a mente, conhecimento de si mesmo e do mundo, além do próprio conhecimento da língua, acrescenta que: “Hoje, o espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade a que ele pertence”.

Essa valorização abrange vários aspectos, o que nos convoca a pensarmos nas limitações que os sujeitos da nossa pesquisa se encontram, uma vez que nenhum deles teve acesso à escola normal, exceto por uma tentativa frustrada por parte de Nelson, devido o fato de ter sofrido Bullying por ser down.

Nesse nosso segundo encontro – primeiro com as crianças -, percebemos que esse fator não fez a menor diferença, sequer houve um mínimo de comentário pelo motivo de Nelson e Elias apresentarem algumas características físicas próprias da Síndrome. Pensamos que, mesmo a inclusão tendo andado a passos lentos e limitados, está trazendo frutos positivos. A diretora da creche, ainda no momento da nossa primeira visita fez um breve comentário: “Acho a idéia de trazer pessoas com essa síndrome de down muito boa, porque a gente trabalha a inclusão entre as paredes da escola, mas não acontecem momentos como esse das pessoas com algum tipo de necessidade especial vir até nós”

E como havíamos falado no início desse encontro, após o momento do conto, Nelson e Elias fizeram a entrega das revistas. Para nossa surpresa, cada criança/aluno ali presente, fez a leitura da referida revista, das quais podemos destacar tanto a modalidade individual, quanto coletiva. Nesta última, percebemos a postura de quem contava a história, eles reproduziram as exposições feita por nossos contadores, mostrando a revista para a platéia, conforme ia contando a história, sentavam-se em pequenos grupos e faziam círculos. Enquanto isso, os nossos contadores Elias e Nelson, observavam atentos ao que se passava naquela ocasião enquanto uma das crianças falou para a professora: “Tia, Elias faz assim”, e se levantou para contar a história para o grupinho de amiguinhos que se formara ao seu redor.

Marly Amarilha (2006), ao mesmo tempo em que se pergunta, responde à questão “*o que ganhamos com a atividade de narrar histórias na escola?*”

Sabemos que a experiência de leitura de literatura na escola é de natureza mediada em dois sentidos: mediada pela palavra, portanto simbólica; mediada pela presença do outro, seja adulto, leitor mais experiente em condições de proporcionar o avanço desejado àqueles alunos, ou mediada pelos pares, pela atividade de discussão, pós-leitura, conforme planejado na pesquisa. (AMARILHA, 2006,P.28)

Não iremos nos deter à pesquisa de Amarilha, embora muito importante no que se refere à leitura da literatura em sala de aula, fazendo uma relação entre estilos de texto, autor, e leitor, a importância da comunicação, e a presença de leitura de imagens. Essa citação nos chama atenção pelo fato das mediações serem tanto pela palavra, quanto pela presença do outro. Como sabemos, a palavra está carregada de conteúdos simbólicos, que por sua vez permite ao sujeito que dela faz uso, adentrar em terreno antes desconhecido e percorrer estradas conforme sua percepção, seus desejos, sua história de vida, modo de ver e atuar no mundo, etc. outro fator mediador que ela atenta está relacionado à presença do outro, que tanto pode ser um leitor mais experiente ou não. Nossa pesquisa se direciona a leitores não experientes – alunos de creche -, que estão aprendendo com as limitações de duas pessoas, que embora não alfabetizados, sabem utilizar do simbólico para representar o real e a ficção que se misturam numa aquarela de cores, permitindo a todos envolvidos nessa pesquisa possibilidades de colorir, com novas cores e nuances, sua vida e o significado da mesma.

(iii)

Logo ao chegarmos ao portão da creche, os nossos protagonistas – Elias e Nelson -, foram logo reconhecidos pelos alunos que ainda de sua sala de aula os reconheceram e falaram para sua professora: “Tia, Elias e Nelson chegaram, abra o portão”, nesse momento, abriu-se um sorriso de arco-íris nos lábios de Nelson e Elias.

Ao entrarmos, fomos direto para o “Mesa de Literária”, e a contação de história seguia conforme nossos contadores iam se revezando nas leituras – seis livros no total -, as crianças observavam atentamente, sem que houvesse qualquer interferência. Após cada história contada, tinha sempre uma criança que pedia para fazer o reconto, esta se levantava, pegava o livro e dava início ao seu conto, enquanto os demais

ficavam atentos, e algumas vezes interferiam acrescentando algo sobre a narrativa do que estava sendo visto através das ilustrações.

Algumas crianças pareciam vivenciar sua própria história, introduzindo sons, e gestos que refletia o que sua leitura apontava enquanto real, enquanto as outras ficavam atentas e algumas ansiosas para chegar a sua vez de contar.

Após esse momento, Elias e Nelson repetiram o ato de presentear os alunos com a revista SESINHO “Controle a Raiva”. Aconteceu o mesmo que na situação anterior, onde os alunos, ainda sentados, deram início à leitura da mesma, tanto de modo individual, quanto coletivo, mas um fato nos chamou atenção: uma das crianças pediu para que “todo mundo fique em silêncio que eu vou contar a história para vocês, do jeito que eu aprendi com Elias e Nelson”.

Percebemos no decorrer de nossa pesquisa, o ato criativo em desenvolvimento, tanto por parte dos contadores, quanto por parte das crianças da creche, que também ocuparam esse lugar, como também no momento em que uma das crianças introduziu outros recursos em sua fala, tais como gestos e sons que representavam algumas situações da ilustração. Sobre a criatividade, Winnicott (1975), em seu livro “O brincar e a realidade”

É através da apegção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação, a submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. (WINNICOTT, 1975, P. 95)

Na ocasião, ele se refere ao sujeito com problema de saúde mental grave, do tipo esquizofrênico; fazendo a relação entre os sujeitos que encontram ou lhes são ofertados lugares para a criação serem considerados saudáveis, e o contrário, quando há submissão desse sujeito ocorrem quadros de transtornos mentais. Embora saibamos que o ato criativo é inerente ao ser humano, ainda é algo desafiador, pois nos deparamos com duas realidades, uma em que no passado o mesmo sujeito – Nelson -, foi retirado do seu lugar de “possibilidades” e excluído devido sua diferença, e outra no momento atual, onde ele encontra-se em lugar segundo o qual ele pode falar-se, e falar do Outro que está sobre seu olhar, sobre uma história que precisa da sua palavra

para existir, e ele, como porta voz dessas imagens nos traz, dentre outras, a narrativa que iremos expor:

Em cena: a obra “A noite e o maracatu”

A noite e o maracatu
 O maracatu e o monte de estrelas
 O maracatu subiu pelos céus para as estrelas brilhando dentro da rede
 E tava pensando como será m a r a v i l h o s o subir pelos ares e ver a estrela como é bonita
 É algo m a r a v i l h o s o!
 E estava pensando com a boca a Berta, pensando na vida como ela é
 E que a estrela é muito bonita e quero ver de perto
 As estrelas estavam diante da menina e estava pensando no gato e no que ia fazer
 O gato é seboso e estava dentro do balde do lixo e as estrelas são muito mais bonitas de todos os astros
 A estrela brilha cada dia mais, é como acender uma luz e clareia todas as cidades
 Agora o céu
 Como é que eu pensava para onde ela ia e brilha cada dia mais
 O arco-íris bebe a água da chuva e as estrelas brilham cada dia mais no céu
 E quando a estrela cai, é grande e cai dentro da água
 A menina está muito feliz, é algo m a r a v i l h o s o
 O céu brilha cada dia mais
 Falavam contigo e as estrelas brilham sobre as nuvens
 A estrela brilha cada dia mais no céu e o homem abria o guarda chuva para não se molhar na chuva
 Os meninos eram muito felizes dançando como os índios dançavam com as cabaças
 Tocavam ao som das cabaças, dançavam muito felizes e o sol brilha cada dia mais sobre eles
 A estrela brilha cada dia mais no céu
 Dançavam, tocavam nos tambores os índios com alegria
 A menina fica muito feliz porque as estrelas brilham cada dia mais
 As estrelas brilham no céu para clarear a cidade
 A menina tava com a lâmpada na mão, tava feliz e ficava cada dia mais feliz
 E ficava triste porque não estava feliz com os outros índios
 E os índios ficavam muito felizes, porque estavam fazendo uma grande festa, bailando
 As estrelas brilhavam cada dias mais no céu e os outros dançavam com alegria, estava preto no rosto
 As princesas também dançavam, tocavam voz dos tambores
 E fim da história. (NELSON, 24 anos aluno da APAE)

Através dessa narrativa feita a partir da leitura ilustrativa, embora o livro utilizado para a leitura em questão tenha textos escritos, Nelson apresenta aspectos referentes à criatividade, emoção, realidade percebida, desejos, visão de mundo, dentre outras características de uma leitura livre devido o rico teor e possibilidades do

simbólico. Desse modo, a literatura infantil, nos permite focalizar a imagem e suas representações simbólicas, proporcionando uma aproximação entre o mundo real, tal qual é percebido pelo sujeito, e o mundo mágico, das possibilidades da realização do impossível. Nelly Novaes Coelho (2000, p.197), atenta para a importância que o livro infantil tem sobre os aspectos psicológico/pedagógico/estético/emocional da linguagem imagem/texto, de modo que estes

. Estimula o *olhar* como agente principal na estruturação do mundo interior da criança, em relação ao mundo exterior que ela está descobrindo.

. Estimular a *atenção visual* e o desenvolvimento da capacidade de percepção.

. Facilitar a *comunicação* entre a criança e a situação proposta pela narrativa, pois lhe permite a percepção imediata e global do que vê.

. *Concretizar relações abstratas* que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber; e contribui para o desenvolvimento da capacidade da criança para a seleção, organização, abstração e síntese dos elementos que compõem o todo.

.Pela força com que toca a sensibilidade da criança, permite que se fixem, de maneira significativa e durável, as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir. Se elaborada com arte ou inteligência, a *imagem* aprofunda o poder mágico da *palavra literária* e facilita à criança o convívio familiar com os universos que os livros lhe desvendam.

. Estimula e enriquece a imaginação infantil e ativa a potencialidade criadora – natural em todo ser humano e que, muitas vezes, permanece latente durante toda a existência por falta de estímulo.

(COELHO, 200, P.197)

Embora Nely se refira a crianças, acreditamos ser pertinente incluir todos os sujeitos de nossa pesquisa, uma vez que a idade mental de Nelson e Elias é aquém da sua idade cronológica. Desse modo, todos os fatores outrora citados por ela e aqui trazidos na citação acima, foram percebidos ao longo de nossa pesquisa e acreditamos que se os professores e demais profissionais que lidam com a literatura em sua praxe, atentarem para a existência dessas categorias e as colocassem como prática para a formação de leitores, teríamos uma ótima oportunidade de valorizarmos a existência humana em seus mais variados aspectos, *psicológico/pedagógico/estético/emocional*. Trabalhando de modo adequado e permissivo, ao mesmo tempo mediado, teremos ótimas oportunidades de oferecermos espaços de inclusão, sem ter que utilizar de artifícios diversificados, uma vez que, a capacidade de simbolizar é inerente a todo ser humano independente de suas limitações.

Para tanto, torna-se necessário alguém que faça essa mediação, Sampaio (2005), em sua investigação na tese de doutorado sobre “*A função mediadora do*

planejamento na aula de leituras e textos literários”, trata dentre outras questões, a importância da necessidade que se tem de inserir nos planejamentos escolares, a prática da leitura, incluindo contos e poemas. Essa pesquisa nos traz questões para que possamos refletir sobre as práticas pedagógicas, onde muito se fala nas dificuldades e necessidades da leitura em sala de aula, mas ainda é uma “*pedra a ser lapidada*”. Sobre leitura, Sampaio comenta:

Partindo de um conceito de leitura mais abrangente que mera decodificação de palavras, e sabendo-se que é a prática pedagógica adotada que oriente o professor na escolha de determinada estratégia de trabalho, é que se postula aqui o ato de ler como atividade de atribuição de sentido, excluindo-se a possibilidade de uma atividade mecânica ou mera emissão de voz. (SAMPAIO, 2005, P.127-128)

‘Assim, podemos incluir a leitura das imagens trazidas nos contos, como uma possibilidade que o leitor tem de dar vida aos personagens, de ampliar como Sampaio fala, o modo de perceber a realidade e possibilidades humana. A palavra em circulação, em movimento constante, em construção, que por sua vez edifica o lugar do leitor enquanto sujeito e este o representa nas relações que se estabelecem entre ele e sua fiel e atenta platéia, desenvolvendo através da leitura um diálogo na produção literária, um diálogo consigo mesmo, com o outro e com o mundo, no qual este lugar de narrador que ocupa, representa o seu lugar no mundo, o lugar no qual ele elegeu enquanto seu através de sua criação e desenvolvimento da linguagem direcionada ao Outro e a si mesmo.

Pensemos nesses lugares, pensemos que as obras literárias são as verdadeiras chaves, o “abra-te sésamo” que libertará alguns sujeitos, que devido suas limitações aparentes, ainda encontram-se à margem de acordar no mundo mágico dos livros ilustrados, pois, cada leitor fala em nome do que ver, ou do que supões ver, seus olhos atentos aos apelos das imagens dos livros literários, servem como fermento para sua imaginação e adubo para suas palavras e seu viver.

Conclusão

A partir das observações feitas na realização dessa pesquisa, podemos inferir que a contação de histórias através do livro literário de imagens, serve, não só como modo de perceber e pensar de forma crítica sobre o que está estabelecido a priori, como também, como ponte para a leitura do texto escrito, uma vez que permite ao leitor brincar com as imagens e desfrutar do texto conforme indica seu desejo, suas aspirações, seu prazer, exercitando a capacidade criativa e desenvolvendo a percepção e

memória. Acreditamos que a qualidade do sentir e do se permitir externar o que se sente, é de grande valia para a formação do leitor, e para que algo seja sentido, é necessária uma aproximação, um apodera-se de algo, uma intimidade que permita uma abertura para o diálogo com o texto – escrito ou de imagem -, nesse momento em que a linguagem circula, resplandece as possibilidades de com ela surgir um novo sujeito, com nova forma de significar e existir no mundo.

Como vimos ao longo de nossa pesquisa, a capacidade criativa é algo inerente ao ser humano, assim como suas possibilidades de interação social, mesmo que estes apresentem algumas limitações – visíveis ou não -, estas quando não enfatizadas, sequer são percebidas; sendo assim, desaparecem as limitações, desaparecem as barreiras, tudo se torna possibilidades, caminho, modo de produção individual e/ou coletiva.

Percebemos nesses três encontros, que ter a chance de produzir algo, de ver um projeto acontecer devido sua participação, é algo que dá lugar ao sujeito, perceber seu existir e torna real sua relação com o outro. Vimos isso em todos os momentos em que Nelson e Elias estavam contando suas histórias e as crianças participavam cada um a sua maneira: ouvindo atentamente, ajudando na narrativa, reproduzindo através do reconto, falando que tinham aprendido com eles o modo de apresentar o livro, etc. Talvez pelo poder que a fala tem de permitir o surgimento de outros “eu” em eu mesmo, e a aproximação entre os dois sujeitos que falam no discurso, o texto e o leitor e suas possibilidade de interpretar, permitem aos sujeitos de nossa pesquisa uma aproximação com o mundo do desconhecido de modo natural e instigante, com o mundo das quatro paredes da escola regular, mundo este que se encontra erguido para alguns sujeitos com necessidades intelectuais, pois deles é exigido um padrão de aprendizado e por ventura, lhe ofertado um padrão de ensino. Acreditamos que a valorização das práticas de leitura em sala de aula, o acompanhamento sistematizado dos avanços de cada aluno individualmente diante desta e o efetivo planejamento dessas práticas por parte dos professores, possam ajudar aos alunos a terem um melhor rendimento escolar em vários aspectos, pois a literatura abre um leque de possibilidades para serem trabalhadas. Trouxemos aqui apenas um deles, e este nos serviu de prisma para percebermos o quão diversificado são os motivos que fazem com que as pessoas se aproximem dos livros e estes se tornem seus fiéis companheiros e parceiros para o aprendizado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Histórias sem texto escrito e suas possibilidades**. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

LACAN, Jacques (1985). Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **A função mediadora do planejamento na aula de leituras e textos literários**. Tese de Doutorado. Natal: UFRN, PPGEd, 2005.

SANTOS, Fabiano dos. **A Noite e o Maracatu**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SESI – **Sesinho controle a raiva**. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde – Governo Federal. 2010